

*Do campo científico para o campo literário: Cinco poemas galegos de Alberto Machado da Rosa a partir de Rosalia de Castro*¹

Joel R. Gómez²

Os poemas “Feira em Compostela”, “Caminho do mar”, “Caminho de Santiago”, “O som cadencioso na rua deserta” e “Campo galego” estão datados por Alberto Machado da Rosa em 1957. Conservam-se no espólio de Alberto e Algedice Machado da Rosa, e nos fundos de Ernesto Guerra da Cal da The Hispanic Society of America de Nova Iorque. São um dos resultados da sua viagem de investigação, com ensejo de um ano sabático, que lhe foi concedido na Universidade de Wisconsin. Um ano marcante para ele, no profissional e no pessoal. Aproveitaram o deslocamento, entre setembro de 1956 e agosto de 1957, para que os filhos aprendessem português, como anelavam, segundo esclarece a viúva, Aldegice Machado da Rosa, na carta em que autoriza a edição dessas composições ao Grupo de Investigação nos Campos Culturais Galego, Luso, Brasileiro e Africanos de Língua Portuguesa (Galabra) da Universidade de Santiago de Compostela, agora Rede Galabra. Alberto esteve na que agora é a Fundação Eça de Queirós, em Baião, e em Lisboa e outros centros de interesse de Portugal, onde alicerçou os que seriam os seus conhecidos estudos queirosianos, *Eça discípulo de Machado?* e os cinco volumes de *Prosas esquecidas*. E contactou a Galiza, para esclarecer elementos polémicos da sua Tese de Doutoramento sobre Rosalia de Castro e, muito em especial, as repercussões do seu artigo “Rosalia de Castro, poeta incompreendido”, publicado em 1954 na *Revista Hispánica Moderna*, recebido mesmo com reações de escândalo por parte da intelectualidade galega coeva.

Machado da Rosa encontrou-se na Galiza, em março de 1957, com Fermín Bouza Brey, Ramón Piñeiro e Ramón Otero Pedrayo, três nomes centrais para o seu interesse: o primeiro, rosalianista de referência; e Otero e Piñeiro como representantes mais significativos do Grupo Galaxia, o mais ativo na altura na produção cultural na Galiza, e para o qual Rosalia era figura cimeira. Também se reuniu com Domingo García Sabell, Xesús Alonso Montero, Ricardo Carvalho Calero, Fernando Cordero Carrete e outros intelectuais do grupo do Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento, e mais.

Os dois primeiros poemas estão datados em Santiago e Madison, outros dois só em Santiago e o quinto em “Campo galego”. Os cinco são de temática galega, de impressões e experiências. A feira de Santiago de Compostela celebrava-se na altura na Carvalheira de Santa Susana, espaço próximo da zona monumental da cidade, situado no seu principal passeio, a Alameda, e de caminho para o campus universitário do sul. Era aquele um mercado ao ar livre, sem um edifício para as transações das diversas espécies de gado, alimentos e mercadorias. Aquela feira impactava o visitante e exercia atrativo para aproximar-se, olhar com curiosidade, consumir um prato de polvo à feira ou outras iguarias e bebidas. Era também um espetáculo, em parte pitoresco, que espelhava a pobreza, misérias e dificuldades do tempo da ditadura franquista. Assim o recolhem os versos de Alberto Machado da Rosa.

¹ Esta introdução revela nuances galegas que os editores desejam respeitar.

² Universidade de Santiago de Compostela – Rede Galabra

Essa conflituosidade social latente é o tema de “Caminho do mar”, onde emergem a orfandade, a emigração como exílio económico forçado, a fome ou o sofrimento. Essas duas composições estão dedicadas a Ernesto Guerra da Cal.

“Caminho de Santiago” coincide com uma das etapas da célebre rota de peregrinação religiosa até a catedral da cidade. Relata uma viagem de comboio e está dedicado a Ramón Piñeiro, com quem coincidiu e com quem travou amizade no trecho entre Padrão e Santiago, dois topónimos principais na biografia e na produção literária de Rosalia. Neste trabalho literário é protagonista a paisagem galega.

No poema sem título, que principia com os versos “O som cadencioso da rua deserta”, sim se encontra uma referência à Catedral de Santiago, como “fenda de vida na cidade deserta / deserta e desperta”, dentro de um tom mais intimista e introspectivo.

E em “Campo galego” insiste nas gentes e na paisagem rural da Galiza, alude a “ilusões perdidas”, e na leitura chama a atenção o contraste entre as cores verde e negra, a presença da saudade e da poesia.

São cinco poemas-testemunho do impacto daquela viagem e dos contatos que estabeleceu com as gentes da Galiza, do seu interesse de entender a vida, de verificar porventura a permanência de mensagens da produtora literária galega em que se tinha especializado e que resultaria marcante para o seu trabalho profissional. Porque Rosalia de Castro e Eça de Queirós foram os centros dos seus trabalhos no campo científico, nos estudos literários, para a pesquisa, ele não só reparou nos textos que produziram, mas procurou o ambiente e referentes que os levou à escrita. E essa investigação a respeito de Rosalia dialogava com a produção literária própria nestes poemas galegos. Emergem num tempo em que era de relevo para muitos dos seus pares na profissão (como Ernesto Guerra da Cal, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio, Dámaso Alonso, Carlos Bousoño, Jorge Guillén, Carvalho Calero...), que quem se dedicasse, dentro do campo científico, aos estudos literários e ao exercício da crítica evidenciasse a sua capacidade para produzir literatura.

Finalizada a composição dos poemas, Machado da Rosa enviou cópias, cada uma em folha à parte, e todas assinadas por ele, a Ernesto Guerra da Cal, por carta³. Em setembro de 1956, Machado da Rosa já lhe tinha escrito, pouco depois da sua chegada a Lisboa, para principiar a sua licença sabática; e, em abril de 1957, em nova carta desde Lisboa, informara-o da visita à Galiza e de uma mensagem escrita por Otero Pedrayo que lhe entregaram para que lha encaminhasse. Naquela altura, apesar de ainda não se conhecerem pessoalmente, Da Cal e Machado da Rosa partilhavam projetos e cumplicidades, segundo se verifica no epistolário cruzado entre eles. Em 3 de setembro de 1957, Machado da Rosa, em nova carta, diz que Ramón Piñeiro lhe tinha comentado que Da Cal escrevia poesia e mesmo lhe tinha enviado um poema; e será na próxima epístola, de 30 desse mês, quando lhe encaminhe estes cinco poemas, hoje depositados nos fundos de Da Cal conservados pela The Hispanic Society of America de Nova Iorque.

Machado da Rosa regressou à Galiza em boa parte das suas viagens posteriores à Europa. Acrescentou as suas amizades e contatos pessoais, o seu interesse pela cultura galega. Assim o provam, v. gr., os livros galegos da sua biblioteca, conservada em Évora pela viúva, Aldegice Machado da Rosa, onde também estavam nos inícios deste século os originais dos cinco poemas, igualmente assinados. Muitos dos volumes têm dedicatórias em que transparece afeto, apreço, cumplicidade, respeito e solidariedade. Ele soube fazer-se merecedor dessa enorme estima.

³ A comunicação entre eles começou em 23 de julho de 1953, com carta datada desse dia de Machado da Rosa para Da Cal, interessando-se na fortuna do artigo que tinha enviado para a *Revista Hispánica Moderna* e que se publicará no ano seguinte. Da Cal responderá em 27 de setembro de 1953, ao regresso de uma viagem por Portugal, e a respeito do ensaio sobre Rosalia enviado para a revista da Columbia University comenta-lhe: “Saiba meu caro professor que Rosalia é outro dos meus amores —e que tenho um livro em projecto sobre a minha delicada compatriota”; livro que publicará só em 1985. Eça de Queirós e Rosalia de Castro constituirão fortes laços de interesses comum entre eles.

Assim, na sua biblioteca, deparamos com volumes de Afonso R. Castelao, Álvaro Cunqueiro, Antón Alonso Ríos, Antón Zapata García, Ánxel Fole, Augusto González Besada, César Barja, Emilio González López, Ernesto Guerra da Cal, Fermín Bouza Brey, Francisco Fernández del Riego, José Neira Vilas (e a sua esposa, a cubana Anisia Miranda), José Santiago Prol Blás, Juan Naya Pérez, Leopoldo Pedreira, Manuel Curros Enríquez, Manuel María Fernández Teixeiro, Rafael Dieste, Ramón Cabanillas, Ramón Piñeiro, Ricardo Carvalho Calero, Vicente Risco, Victoriano García Martí, Xesús Alonso Montero, Xosé Luís Méndez Ferrín ou Xosé Manuel Beiras, e mais, junto com revistas, separatas e documentos jornalísticos; para além de edições e traduções de obra de Rosalia de Castro e estudos a respeito da poeta. Vários desses volumes têm dedicatórias em que transparece amizade, como “homenagem cordial do seu amigo” (Carvalho Calero, 1959); “benquerido irmán de inqedanzas” e “Pra Alberto Machado da Rosa, esgrevio precursor da comunidade luso-galaico-brasileira” (Neira Vilas, 30 de janeiro de 1960 e 12 de janeiro de 1961); “Ao caro amigo Dr. Alberto Machado da Rosa, fraternalmente unido ao meu sentimento polo amor a Portugal, á Galiza e a Rosalia” (Bouza Brey, abril de 1961); “Para o Alberto, do irmão sempre” e “com um antigo abraço de amizade profunda e sempiterna” (Ernesto Guerra da Cal, verão de 1963 e outono 1968), “com amizade i agradecimento polo seu amor a Galicia i a Rosalía” (Manuel María Fernández Teixeiro, maio de 1965), “Pra o Alberto Machado da Rosa, gran corazón, intelixencia lúcida, sensibilidade fonda e fina, amigo verdadeiro, con unha aperta fraternal” (Ramón Piñeiro, dezembro 1967); ou “Pra Alberto Machado da Rosa, que padece o tangaraño da cordialidade, a sensibilidade e o bó siso no mundo dos novos vándalos, coa miña amizade certa” (Xosé Manuel Beiras, 1972). Livros e dedicatórias que evidenciam como foi ganhando interesse e amizades por e na Galiza.

Esses relacionamentos e interesses, pessoais e profissionais, tiveram uma motivação inicial na dedicação rosaliana. Machado da Rosa informou a Guerra da Cal e a outras destas amizades que, antes da sua partida para os Estados Unidos da América, tinha viajado só numa ocasião à Galiza, no seu tempo de estudante universitário, com a tuna de Coimbra. As suas deslocações de 1957 e posteriores, até 1973, poucos meses antes da sua morte, tiveram objetivos bem diferentes. Gostou da Galiza e das suas gentes, até ao ponto de valorizar a ideia de adquirir uma vivenda, como assinalava o “In memoriam” que lhe dedicou em 1975 a revista *Grial*. E, para além dos seus bem conhecidos contributos sobre Rosalia de Castro e para o achegamento das culturas da Galiza e dos restantes países de língua portuguesa, também aproveitou para tirar conclusões do que se não devia fazer; para que, entre a comunidade lusófona, não surgissem diferenças como as que ele observava entre a escrita da língua da Galiza e o padrão português.

Estes cinco poemas são uma demonstração de comunicação entre os campos científico e literário. Eles nunca se teriam composto se Machado da Rosa não conhecesse a produção de Rosalia de Castro, não investigasse sobre ela, não publicasse estudos e se visse envolto em polémicas pelas suas teses e, consequência de tudo isso, não se deslocasse à Galiza em 1957. Foi só o início. Não se publicaram esses cinco poemas, mas sim outros dois, também com presença rosaliana: “Ir e voltar” (1971, na revista *Mester*, da Universidade de Califórnia Los Angeles) e “Camões e Rosalia” (1973, revista *Atenea*, da Universidade de Porto Rico-Mayagüez), que complementam as suas vivências, experiências, estudos e relacionamentos. A Galiza e as suas gentes estarão presentes igualmente em trabalhos de pesquisa publicados na Galiza (sobre Rosalia) e em mais produções (sobre Rosalia, Eça de Queirós e a cultura portuguesa) nos EUA, Portugal e Brasil, entre elas em contributos para congressos e encontros de especialistas internacionais, onde puxou por uma maior aproximação da língua e da cultura da Galiza com a comunidade de língua portuguesa.

Santiago de Compostela, fevereiro 2022

Cinco poemas de Alberto Machado Da Rosa

Feira em Compostela

A Ernesto Guerra da Cal

Vieram as vacas,
vieram os porcos,
as donas e donos vieram também.
Vieram meninos
pobres,
pequeninos,
ferrados, colados
às saias da mãe.

Baixou a miséria,
baixou a Santiago,
a dor, a esperança, baixaram também.
Tudo cheira e fala,
ri e negoceia.
Compostela é vila, é quase aldeia,
Menos pr' ós meninos
de olhos assombrados,
filhos de viúvas,
pobres, pequeninos,
ferrados,
colados
às saias da mãe.

Alberto [em cursiva]

Santiago e Madison, 1957

Caminho do mar*A Ernesto Guerra da Cal*

- Onde está o teu pai, rico menino?
— Morreu no mar.
— E tua mãe? Porque não vais pra ela?
— Minha mãe está na veiga, a trabalhar.
— E teus irmãos, tuas irmãs, que é deles?
— Meus irmãos estão em Vigo, pr' emigrar.
— E tu não vais pra casa? É noite escura.
— Pra casa? Não. Não quero mais voltar.
— E não tens fome? Tens dinheiro prá ceia?
— Fome, tenho, senhor. Quer-me ajudar?
— Aí na tua mão? Isso é dinheiro.
— Este não gasto eu que é pr' embarcar.
— Espera, espera, toma lá, é teu...

Mas não lho pude dar...
porque o menino,
pequenino, franzino,
dez anos de sofrer feito ilusão,
dez duros na mão,
sem pestanejar
entrou na noite escura,
na noite dura,
caminho do Mar.

Alberto [em cursiva]
Santiago e Madison, 1957

Caminho de Santiago

A Ramón Piñeiro

O fumo branco risca o fim do dia
sobre um fundo de verde matizado
que se estende e se alarga
sem parar.

A máquina resfolga.

Padrón! Padrón
acabou de passar.

O azul do fundo, lá na serrania,
tem o tom entre austero e magoado
do findar.

Pouco tempo depois a tarde é morta;
uma estrelinha olha docemente
um camponês curvado, à porta.

A máquina resfolga.

Dum sino velho vem um som plangente,
insistente, dolente,
que chama a raça antiga ao aconchego e à folga
do lar.

Brilham outras estrelas.

Noutra porta
uma velhinha a fiar.

Uma pomba tardia vai chegando ao pombal.

Das luzes que se acendem nasce a treva
ao longe, onde se eleva
a Catedral.

Alberto [em cursiva]

Santiago de Compostela, 1957

[sem título]

O som cadenciado na rua deserta,
lento, desperta
silêncios de outrora.
Volto a travessa.
A cadência
vai-se-me filtrando na consciência,
ritmo dum momento
que não sei se vivi,
mas senti
porque o ressinto agora.

Outra rua.
O silêncio é ainda mais audível.
De repente o sino vibra, vibra...
— Meia noite?
Mas como? É impossível.
O sino vibra. Oito, nove, dez oonze...
e morre, revibrando, a voz do bronze
da Catedral.

A porta, ao longe, aberta,
é uma fenda de vida na cidade deserta,
deserta e desperta.

Alberto [em cursiva]
Santiago de Compostela, 1957

Campo galego

Um guarda chuva,
uma mulher de negro
e uma vaca ao lado,
pastando.

Um guarda chuva
tão negro, rasgado,
e ela, negro e rugas,
farrapo de sonhos,
esperando,
no verde molhado.
A vaca, a seu lado.

A chuva cai fina
Tocando a neblina
de melancolia.

O ar é todo névoa de saudade.
A chuva é toda pranto de poesia.

Um guarda chuva,
uma mulher de negro
e uma vaca ao lado,
pastando.

Ilusões perdidas,
flutuando
no verde encharcado.

Alberto [em cursiva]
Campo galego, 1957

Campo galego

Um guarda chuva,
uma mulher de negro
e uma vaca ao lado,
pastando.

Um guarda chuva
tão negro, rasgado,
e ela, negro e rugas,
farrapo de sonhos,
esperando,
no verde molhado.
A vaca, a seu lado.

A chuva cai fina
tocando a neblina
de melancolia.

O ar é todo névoa de saudade.
A chuva é toda pranto de poesia.

Um guarda chuva,
uma mulher de negro
e uma vaca ao lado,
pastando.

Ilusões perdidas,
flutuando
no verde encharcado.



Campo galego, 1957